



Educação inclusiva na formação inicial: percepções de licenciandos em Pedagogia e Matemática.

Marina Andrades **Felipe**
Universidade Luterana do Brasil
Brasil
marina.andrades@gmail.com

Marlise **Geller**
Universidade Luterana do Brasil
Brasil
marlise.geller@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação sobre as percepções de licenciandos em Pedagogia e Matemática em relação ao processo de alfabetização/letramento e de alfabetização matemática na perspectiva inclusiva, e na formação inicial que permeia os cursos. Participaram desta pesquisa 15 alunos, e envolveu um curso virtual pela plataforma moodle. Este artigo contempla um recorte de uma dissertação de mestrado e analisa, em uma abordagem qualitativa, as percepções sobre sua formação inicial e da alfabetização/letramento e da alfabetização matemática, sob o olhar do vínculo afetivo, junto a educação inclusiva. Pode-se inferir que os participantes apontam lacunas na formação inicial em relação as atividades práticas do docente com o aluno de inclusão e salientam a importância do vínculo entre professor e aluno.

Palavras chave: educação inclusiva, formação inicial, pedagogia, licenciatura em matemática.

Introdução

Esse artigo, decorrente de uma dissertação de mestrado em andamento em um Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, aborda a percepção dos licenciandos dos cursos de Licenciatura em Matemática e Pedagogia, sobre o quanto a formação inicial aborda a educação inclusiva, e como percebem a alfabetização nesse mesmo viés, ainda sob o olhar do vínculo afetivo entre professor e aluno.

Os professores que irão atuar na disciplina de matemática, são os concluintes nos cursos de Matemática-Licenciatura e da Pedagogia, pois segundo a LEI 9394/1996 (BRASIL, 1996), “Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal”.

A pesquisa norteadora dessa escrita, propõe-se a desenvolver uma formação para licenciandos, sobre a educação matemática inclusiva, e possui como pergunta geratriz: “Como a educação inclusiva, a partir de reflexões teórico-práticas, é construída na formação inicial de professores que ensinam matemática na educação básica?”.

Formação de professores que ensinam matemática: algumas reflexões

A formação do profissional inicialmente propõe ensinamentos básicos, ou melhor, mostra as ferramentas que necessita para atuar em sua área habilitando-o através de um diploma. Sobre o que entendemos como certificado ou diploma, Santarosa (2010, p. 69) exemplifica: “é uma licença que necessita ser revalidada no decorrer do exercício profissional”. Mas a construção do profissional como um todo, perpassa pelas atualizações que o mesmo vivencia, sejam por experiências na atuação ou cursos de curta e média duração.

O educador no Brasil, para atuar, deve ser graduado no curso de Pedagogia (habilitação para ministrar aulas da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental, chamados anos iniciais do ensino fundamental) ou em um curso de Licenciatura específico para a área de atuação desejada, como a Matemática (habilitação para ministrar aulas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, chamado anos finais, e do 1º ao 3º anos do Ensino Médio).

Para a formação do profissional da educação, o caráter da mesma pode possuir o viés de “formação inicial” quanto “formação continuada”, quando a mesma propõe discussões sobre a prática docente a estudantes que já as vivenciam, seja por meio de estágios, ou seus empregos quando já estão conectados a educação.

Os conceitos ou conteúdos, que são discutidos e/ou abordados durante a formação desse professor, vão muito além de “métodos” ou “fórmulas”, pois o estudante deve refletir sobre seu

papel como educador e compreender o que de fato é necessário saber para atuar na prática docente. Para Franchi (1995, p. 66):

O professor deve ter a sua disposição um conhecimento abrangente que ilumine sua ação. Este não pode limitar-se a conteúdos e instrumentos que trabalhará em sala de aula.

Ou seja, a reflexão, como ferramenta dessa formação, é imprescindível para preparar esse futuro educador para sua prática. Ainda é interessante destacarmos a formação do profissional voltado a área do ensino de matemática, que Gatti (2014, p. 39) destaca:

A formação para a prática da alfabetização e iniciação à matemática e às ciências naturais e humanas é precária, como também é precária a formação para o trabalho docente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

E como nós educadores nos percebemos sobre o cognitivo e emocional desses alunos? Estamos preparados para compreender e auxiliar esse aluno a se conhecer e entender como a cabeça dele funciona?

Há quase ausência nesses cursos de formação em conhecimentos sobre o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo de crianças, adolescentes e jovens, suas culturas e motivações. De modo geral, nas ementas dos currículos das licenciaturas encontram-se, nos fundamentos educacionais, proposições genéricas que passam ao largo de oferecer uma formação mais sólida (Gatti, 2014, p. 39).

A aproximação do docente ao processo de desenvolvimento cognitivo de seu educando é uma abordagem que deve ser introduzida em todas as formações docentes. Quando tratamos de formação de professores, estamos lidando com o aprimoramento de profissionais que atuarão diretamente na construção cognitiva e social de seres humanos, então estes profissionais devem estar preparados para compreender as necessidades cognitivas e afetivas que seus alunos estão necessitando, para encontrar estratégias e efetivar aprendizagens.

Metodologia

A pesquisa¹ desenha-se com uma abordagem qualitativa por meio do olhar do licenciando, nos cursos de pedagogia e matemática, já que a pesquisa qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (2010), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto da pesquisadora com a situação estudada, enfatizando o processo e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa envolveu um curso virtual ofertado na plataforma *Moodle*, composto por 4 módulos, com objetivos específicos, descritos na Tabela 1:

Tabela 1-Módulos e Objetivos do curso

| <i>Módulo</i> | <i>Título</i> | <i>Objetivo do Módulo</i> |
|---------------|--------------------------------------|--|
| 1 | Legislação | Apresentar as leis que regem o trabalho do educador, discutindo o quanto as mesmas estão presentes nas escolas. |
| 2 | Caso 1 – Deficiência Intelectual | Discutir sobre a adaptação de conteúdos para um caso apresentado, sobre um aluno com Deficiência intelectual. |
| 3 | Caso 2 – Transtorno Bipolar | Apresentar um caso sobre uma aluna com transtorno bipolar, e organização do conteúdo matemático proposto para a série que a aluna frequenta. |
| 4 | Caso 3 – Síndrome de Down e MoyaMoya | Discutir sobre a adaptação de conteúdos no caso de uma aluna com múltiplas situações, em uma turma de 7º ano, que inclui mais 2 alunas. |

Fonte: A pesquisa.

A análise aqui apresentada, compõe-se de um recorte do questionário inicial, apresentado aos licenciandos que realizaram o curso a que nos referimos anteriormente. Para conhecermos o grupo, algumas características são importantes serem apresentadas.

O grupo compõe-se de 15 estudantes, sendo 5 estudantes de Pedagogia, e 10 estudantes de Matemática - Licenciatura. Entre os participantes da pesquisa, obtivemos maneiras distintas de conclusão do Ensino Médio, aparecendo as modalidades EJA, científico, Magistério/Normal ou Técnico. Os estudantes estão distribuídos em semestres distintos, conforme quadro da Tabela 2:

¹ Aprovada pelo Comitê de Ética sob protocolo número CAAE: 78396017.6.0000.5349

Tabela 2-Participantes

| <i>Aluno Participante e</i> | <i>Curso</i> | <i>Semestre</i> | <i>Tempo de Experiência Docente</i> |
|-------------------------------------|--------------|-----------------|---|
| A1 | Pedagogia | 8 | 3 anos |
| A2 | Matemática | 4 | 3 anos |
| A3 | Pedagogia | 3 | 10 anos |
| A4 | Matemática | 1 | 1 ano |
| A5 | Matemática | 5 | 3 anos |
| A6 | Matemática | 3 | 2 anos |
| A7 | Pedagogia | 2 | 1 ano |
| A8 | Matemática | 3 | 5 anos |
| A9 | Matemática | 4 | menos de 1 ano |
| A10 | Matemática | 7 | 2 anos |
| A11 | Matemática | 3 | 1 ano |
| A12 | Pedagogia | 6 | 5 anos |
| A13 | Pedagogia | 4 | 1 ano |
| A14 | Matemática | 2 | — |
| A15 | Matemática | 3 | 1 ano |

Fonte: A pesquisa

O educador que está se formando, está com o perfil em constante transformação, onde antes os alunos que estavam buscando a formação superior para ensinar já tinham a experiência do curso Normal, hoje, grande parte inicia sua caminhada pela educação direto no ensino superior. Segundo Cunha (2005, p.24), o perfil do iniciante na licenciatura se modifica e:

Dessa forma, não temos mais, no Curso Normal ou na Pedagogia, alunos/as que fizeram estágios ou já ingressaram na docência, como era comum. Não encontramos alunos/as com experiências de professores/as, com dúvidas e conflitos inerentes à teoria-prática, com questões e problemas da sala de aula.

No grupo, é importante destacar que apenas um integrante ainda não teve contato ou experiência efetiva com o ambiente escolar, e que as experiências relatadas pelos demais participantes inclui práticas de estágio, trabalho voluntário, e ainda, atuação como secretário de escola.

Vínculo afetivo e a educação inclusiva: análise dos dados

No questionário inicial, os participantes se posicionaram sobre o ensino inclusivo, e ainda trouxeram relatos sobre suas experiências envolvendo a inclusão escolar ou outros contatos com crianças com deficiência e/ou transtornos.

[...]considero a inclusão efetiva desses alunos um grande desafio, a maior dificuldade é atitudinal, pois quando há um vínculo entre o aluno e o professor facilita a aprendizagem. (A3)

O vínculo entre o professor e seus alunos, transforma o contexto escolar em um ambiente de aprendizagem constante, e para essa relação, é importante que o professor compreenda o aluno como um ser social. Segundo Kramer (1989):

[...] o trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãs e cidadãos. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termos de histórias de vida ou de região geográfica, mas também de classe social, etnia e sexo. Reconhecer as crianças como seres sociais que são implica em não ignorar as diferenças. (KRAMER, 1989, p. 19)

Os futuros professores, participantes da pesquisa, percebem a importância da visão do professor para com o aluno, sobre suas habilidades e peculiaridades para o aprendizado. O participante A8, em seu relato sobre sua experiência, reflete acerca desses e outros aspectos:

[...] foi uma experiência incrível, visto que cada um apesar de suas peculiaridades tem muito a mostrar e desenvolver. A maior dificuldade foi em não ter uma capacitação para tal atividade e então a falta de conhecimento em saber como agir em determinadas situações[...] (A8)

Ainda, descreve o quanto sua caminhada foi enriquecedora para sua formação como docente, e como percebe que devemos buscar capacitações e formações para nossa atuação:

[...] ao decorrer dos anos foi muito gratificante, bem como posso afirmar que aprendi muito em relação a inclusão e adaptação curricular, o que levo pra minha vida profissional, e também sei o quanto precisamos buscar e nos capacitar para receber e atender á esses alunos. (A8)

Durante uma atuação em estágio, o estudante A5, entendeu como uma angústia e dificuldade “conquistar a confiança da criança, em mim e em nela mesma em questões diversas, desde escrever ou até mesmo subir uma escada sozinha”. E no final do questionário, ainda apresentou uma frase animadora:

“É um desafio muito grande trabalhar com alunos de inclusão, mas com amor e dedicação vamos conseguir!” (A5)

Considerações finais

O intuito dessa escrita sucinta, é instigar ao leitor a busca por novas produções e pesquisas acerca da educação inclusiva, pela perspectiva dos estudantes. Um ponto positivo a ser exaltado, é a percepção desse estudante como parte integrante do processo, e se inserindo na aprendizagem desse estudante através do vínculo afetivo.

A caminhada já construída desse grupo de estudantes, propõe aos mesmos muitos questionamentos acerca da inclusão, e evidencia o quão importante se faz uma formação que inclua essa e outras discussões nos encontros acadêmicos.

Continuamos buscando uma educação de qualidade, e que permita ao futuro professor continuar sonhando com os saltos mais altos possíveis para ele e seus estudantes, e compreendendo a inclusão de todos os alunos no ambiente escolar, como um ambiente curioso e saudável de aprendizado.

Referências

Bogdan, R.; Biklen, S. K (2010). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brasil (1996). Lei 9.394/96, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Ministério da educação e do Desporto.

Cunha, R. C. O. B.(2005). Lembranças de escola na formação inicial de professores/as. In: *Olhar de Professor*. Ponta Grossa, 23-38.

Franchi, E. P. (1995). A insatisfação dos professores, consequências para a profissionalização. In Franchi, E.P. (org). *A causa dos professores*. Campinas, PAPIRUS.

Gatti, B. (2014). A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. *Revista USP*, (100), 33-46.

Educação inclusiva na formação inicial: percepções de licenciandos em Pedagogia e Matemática

Kramer, S. (1989). *Com a pré-escola nas mãos: uma proposta curricular*. São Paulo: Ática.

Santarosa, L. M. C. (2010) (org). *Tecnologias digitais acessíveis*. Porto Alegre; JSM Comunicação Ltda,